

# Panorama

Porto Alegre, quarta-feira, 16 de novembro de 2016 - Nº 85 - Ano 33

MAY LIMA/DIVULGAÇÃO/JC



Espectáculo *Ramal 340* cumpre temporada no Teatro Renascença

Ricardo Gruner

A vida se transforma completa e inesperadamente. Essa é uma das abordagens presentes na peça *Ramal 340*: sobre a migração das sardinhas ou porque as pessoas simplesmente vão embora. Com dramaturgia original de Francisco Gick, desenvolvimento do Coletivo Errática e direção de Jezebel de Carli, o espetáculo pode ser visto a partir de amanhã em Porto Alegre. De 17 a 27 de novembro, a montagem é atração no Teatro Renascença (Érico Veríssimo, 307), sempre às 20h, de quintas-feiras a domingos. Ingressos podem ser adquiridos na bilheteria local por R\$ 30,00.

O enredo acompanha narrativas que concorrem no tempo e no espaço, se atravessando na cena em constante movimento. Aparecem um homem que espera pelo pai na

plataforma da estação de trem; uma mulher que não consegue dormir por causa de um sonho que teve; e uma personagem que resolve atravessar o mundo atrás de alguém que lhe escreveu uma carta. Nesse mosaico sem causas ou consequências correlatas, também há destaque para uma pessoa atormentada por uma imagem de 30 anos atrás – entre outros recortes. Em comum, narrativas de viagens, despedidas e encontros.

“O texto foi criado a partir do processo”, afirma Jezebel, lembrando a origem do coletivo para comentar a obra. O *Errática* surgiu em 2012, dentro do curso de Teatro da Uergs, que tem unidade de Montenegro, onde ela leciona. Após a professora incentivar os alunos a estenderem o trabalho para fora da sala de aula, o grupo passou a realizar atividades na cidade - trabalhou em um galpão abandonado e em um barco, até que olhou

para as ruínas da estação ferroviária. “Percebemos elas como a possibilidade de um não-lugar de identidades fixas. Então pegamos um aeroporto, uma rodoviária, uma estação de trem. Lugares de passagem”, aponta a diretora. “*Ramal* não tem unidade de tempo, ação ou espaço. As coisas se misturam”, adianta ela.

A estreia ocorreu nas próprias ruínas, em 2015. Na preparação para a temporada no Renascença, no entanto, a montagem precisou ser remodelada. O cenário e o figurino, por exemplo, são novos. O número de atores também diminuiu – eram oito, agora são seis: Diogo Rigo, Guega Peixoto, Gustavo Dienstmann, Luan Silveira e Nina Picoli, além do próprio Francisco Gick. “Consideramos um novo espetáculo”, compara a diretora, citando que o dramaturgo escreveu o texto a partir do processo de pesquisa junto aos colegas – uma atividade que

envolve improvisos e elaboração de situações.

Desde sua criação, o grupo vem desenvolvendo estudo continuado de linguagem, focado em ações colaborativas de criação e dramaturgia própria – além de transcrições de outras obras. A lista de trabalhos da equipe inclui montagens como *K3: resta o corpo quando não se tem mais nada* e *Kóstia não morra! Ou da dura tarefa de não atirar contra a própria cabeça*. “O Coletivo trabalha com performance, já realizamos trabalhos aqui em Montenegro, nas ruas e dentro da universidade. *Ramal* é resultado de um processo que vê o teatro contaminado pela performance”, explica Jezebel.

Assim como em peças que dirigiu anteriormente, a encenadora brinca com as convenções. Os personagens são apresentados pelos integrantes elenco, que comunicam ao público quem eles vão interpretar,

por exemplo. “*BR-Trans* tem muito isso. E mesmo em outros, como *Hotel Fuck*, já trabalhava nesse sentido”, recorda, completando: “É uma forma de produzir uma experiência com o público, que seja um lugar de encontro mais do que uma obra em que o espectador contempla uma obra distanciada”.

Para o futuro, o Coletivo Errática prepara *A beleza da imperfeição*, primeiro espetáculo que o coletivo dedica para crianças. O projeto foi contemplado com o prêmio Fumproarte – Porto Alegre amanhã e tem estreia prevista para março de 2017, no Theatro São Pedro. “Acho que há uma separação significativa entre o que se faz em Porto Alegre e no Interior. Não de qualidade, mas normalmente o que está em cartaz em Porto Alegre é produzido aí. Há pouco acesso à circulação”, encerra a diretora, baseada em sua experiência na Uergs.